

Ligando o morfômetro: análise morfossemântica das construções com -metro no português do Brasil

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Maria Lucia Leitão de Almeida

Palavras iniciais

Neste artigo, analisamos as construções *X-metro* em português, observando os aspectos formais (morfológicos) e semânticos de palavras antigas – "amperímetro", "manômetro" – e novas – "bafômetro", "mancômetro" – terminadas em *-metro*. Temos, com isso, o propósito de discutir o estatuto do elemento final, se unidade da derivação ou da composição, na linha de Bauer (2005), Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a, 2011b). Esses autores, ao flexibilizarem as fronteiras entre composição e derivação, observam que há, na verdade, um *continuum* entre as unidades de análise morfológica e, conseqüentemente, entre os diversos processos de formação de palavras. Para atingir essa meta, traçamos o percurso histórico das palavras *X-metro* e analisamos as formações com base no modelo de Booij (2010), denominado Morfologia Construcional, que, inscrito no paradigma da Linguística Cognitiva, descreve a estrutura das palavras complexas por meio de esquemas gerais que preveem pareamento do polo formal com o semântico.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, fornecemos um breve histórico das formações terminadas em *-metro*; na sequência, analisamos os dados rastreados e identificamos que características *-metro* compartilha com os afixos; por fim, comentamos os usos mais recentes das construções *X-metro*, descrevendo-os com base no modelo de Booij (2010). Por fim, utilizamos a noção de heterossemia (LICHTENBERK, 1991) para demonstrar o paulatino deslizamento de *-metro* como base presa de compostos neoclássicos para a categoria sufixo, firmando-se como cabeça categorial, morfológica e semântica (SCALISE et al., 2009) das novas formações. Ao deixar de se comportar como base, *metro* passa a caracterizar construções semiabertas (*X-ômetro*), nas quais a variável pode ser preenchida por palavra de várias classes, como se observa nos dados em (01), a seguir, todos recentes:

- (01) Substantivo – impostômetro, bafômetro, olhômetro
 Verbo – achômetro, desconfiômetro, mancômetro
 Adjetivo – gordômetro, barangômetro, boiolômetro

Sobre a categorização das formas *x-metro*

Nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa, as construções morfológicas finalizadas em *-metro*, a exemplo de "barômetro" – "instrumento usado para medir a pressão atmosférica" – e "milímetro" – "milésima parte de um metro" – são genericamente referenciadas como casos de composição. (BECHARA, 1986; LUFT, 1971) A maior parte dos estudiosos sobre o assunto, no entanto, denomina formações como essas de compostos neoclássicos (MATEUS et al., 1990; PEREIRA, 1935; SANDAMNN, 1985), tendo em vista (a) a presença, quase categórica, de um radical de origem grega ou latina na primeira posição (CAETANO, 2010) e (b) o sistemático uso de uma alegada vogal de ligação entre os constituintes. (GONÇALVES, 2011b)

Pereira (1935, p. 233), por exemplo, diferencia os compostos populares, que "seguem a corrente analítica", pospondo "o elemento determinante ao determinado" – "caça-níquel", "bolsa-família" –, dos compostos eruditos (neoclássicos), que, "em regra, só aparecem na linguagem culta [...] e antepõem

o determinante ao determinado" – "anglófilo", "claustrofobia". Nessa perspectiva, as formas *X-metro* constituiriam um caso típico de composição neoclássica, pois, além de apresentar o padrão DT-DM (determinante-determinado), são caracterizadas tanto pela presença de radicais greco-latinos na borda esquerda do produto quanto da aludida vogal de ligação, predominantemente [o].¹

Neste texto, contrariando praticamente toda a literatura da área, pretendemos demonstrar que *-metro* experimentou uma importante mudança de estatuto morfológico, deixando de se comportar com base na formação de compostos, ao assumir comportamento cada vez mais condizente com o das unidades da derivação, os afixos. Para tanto, tomamos por base os estudos de Bauer (2005), Booiij (2005) e Kastovsky (2009), sobre os limites entre a composição e a derivação, assumindo, com Gonçalves e Andrade (2012, p. 115), que

[...] a categorização com base em protótipos e por meio de *continuum* se mostra mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português, uma vez que as fronteiras entre os vários tipos de formativos não são tão nítidas e alguns elementos se encaixam numa categoria com mais precisão que outros.

Os 436 dados que embasam a análise foram recolhidos de dicionários eletrônicos (AULETE..., 2009; FERREIRA, 1999; HOUAISS, 2001; MICHAELIS..., 2007), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras; posteriormente, com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos Google e Yahoo.² Recolher dados de páginas publicadas na internet tem a vantagem de reunir tanto material impresso que reflete a escrita padrão, como *sites* de jornais e revistas de grande circulação

¹ Em Caetano (2010) e Gonçalves (2011b), há uma descrição pormenorizada sobre o comportamento da chamada composição neoclássica, textos para os quais remetemos o leitor.

² As alunas de iniciação científica Clarice Barcellos (UFRJ/FAPERJ) e Thaianie Santos Spíndola (UFRJ/CNPq-PIBIC), a quem muito agradecemos, participaram ativamente da coleta de dados e também foram responsáveis pela datação de cada uma das formas *X-metro* aqui analisadas. Também foram utilizados os dicionários da internet: *Wikcionário: o dicionário livre* (2004), *Dicionário inFormal* (c2006), *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (2008) e *Dicio: Dicionário Online de Português* (2009).

nacional, quanto fontes escritas mais próximas da oralidade, a exemplo de *blogs*, *chats* e *posts* nas redes sociais, como o Orkut e o Facebook.

Breve histórico das formações *x-metro* em português

Delinear o caminho percorrido por *-metro* desde sua entrada na língua até os dias de hoje não é tarefa das mais fáceis, mas uma abordagem dessa natureza é imprescindível para checar uma eventual mudança no estatuto morfológico do formativo em exame. Nessa empreitada, baseamo-nos, fundamentalmente, (a) no depoimento de filólogos e gramáticos históricos (ALI, 1966; COUTINHO, 1968; LAPA, 1971; MELO, 1981), (b) nas datações apontadas pelos dicionários etimológicos (BUENO, 1988; CUNHA, 1994; COROMINAS, 1987; MACHADO, 1967; NASCENTES, 1955) e pelos dicionários morfológicos (GÓES, 1937, 1945; HECKLER et al., 1981) e, sobretudo, (c) no comportamento morfossemântico das formações mais antigas, quando comparadas às mais novas.

A partícula *metro* provém do termo grego μέτρον (*metron*), que significa "medida", e foi diretamente importada pelo francês, na forma de *mètre*, para designar, no final do século XVIII, o padrão de medida de longitude.³ Nascentes (1955) ressalta que a forma grega entrou para o latim como *metru* e, interessante-mente, Ferreira (1999) apresenta duas entradas para *metro-*: uma latina e a outra grega, a segunda para servir de radical a "metrônimo". Essas diferenças não interessam a este trabalho nem interferem na análise a ser desenvolvida, pois, pelos dois caminhos, o substantivo *metro* circula livremente na língua como unidade de medida (não necessariamente decimal), sentido esse que serve de base para suas diversas especializações técnicas, a exemplo de "metro quadrado", "metro cúbico", "metro padrão" e, até mesmo, para servir de unidade de versificação, sendo esse o mesmo sentido básico que propicia as extensões futuras.

³ De acordo com a *Wikipédia: a enciclopédia livre* (2001), *metro* é uma unidade de distância que se define como o comprimento da trajetória percorrida no vácuo pela luz durante um intervalo de tempo que corresponde à fração $1/299792458$ de segundo. A primeira definição do *metro* tinha como referencial o meridiano e surgiu com o matemático Gabriel Mouton, em 1670. O termo firmou-se apenas durante a Revolução Francesa (final do século XVIII). Hoje, *metro* é uma unidade de medida que corresponde a 100 centímetros.

Cunha (1994) apresenta *-metro* como elemento de composição relacionado ao substantivo masculino *metro*, que constitui a unidade fundamental de medidas do chamado sistema métrico decimal. (ZUIN, 2001) Destaca, além disso, que, na condição de formativo, foi introduzido na linguagem científica internacional, a partir do século XIX, em palavras como as listadas em (02), a seguir:

(02) centímetro quilômetro heptâmetro amperímetro
 parâmetro audímetro hidrômetro aerômetro
 hidrômetro marêmetro sismômetro voltâmetro

Com base na datação apresentada pelos dicionários etimológicos tomados para análise, podemos propor a seguinte linha temporal para as formações *X-metro* em português:

(03)

Século	Forma de ingresso na língua	Exemplos
XIX-XX	Empréstimos diretos do francês e do italiano (sobretudo) por conta da nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária, calcada nos padrões de formação chamados de clássicos (greco-latinos)	centímetro barômetro altímetro aerômetro polímetro
XX	Formas criadas em português a partir de bases presas greco-latinas – palavras manufaturadas (intencionalmente planejadas) utilizadas em linguagens de especialidade (eruditismos)	ciclômetro hidrômetro odômetro pluviômetrotermômetro
XX-XXI	Formas criadas em português a partir de bases livres (palavras) – formações mais espontâneas (menos técnicas) e de uso mais geral (fora da esfera técnico-científica)	olhômetro desconfiômetro mancômetro beijômetro impostômetro

O Quadro em (03) sugere que as formas *X-metro* passaram, em linhas gerais, por dois importantes momentos em sua história no português: (a) no século XIX e primeiro quartel do século XX, com a utilização na linguagem científica

internacional, sendo predominantemente emprestadas do francês e do italiano; (b) a partir desse período, com novas formas criadas já em português, o que se evidencia, por exemplo, no tipo de base utilizado. Até o século XX, palavras com a terminação em exame eram empréstimos. A maioria delas, por apresentar um radical preso na primeira posição, é extremamente opaca em termos estruturais, não havendo, adicionalmente, regularidade em relação ao significado, de modo a fornecer condições mínimas de isolabilidade das partes. Os dados a seguir comprovam o que estamos afirmando, pois são pouco transparentes e mostram que *-metro* pode fazer referência a uma unidade de medida (primeira coluna), a uma distância relativa (segunda), a um aparelho (terceira) ou mesmo a um tipo de verso literário (quarta):

(04)	hectômetro	diâmetro	adipômetro	heptâmetro
	decâmetro	perímetro	densitômetro	hipémetro ⁴
	decímetro	parâmetro	oxímetro	monômetro

A ampla utilização de *-metro* na nomenclatura técnico-científica levou à alta proliferação de formas com significado de "aparelho que mede"⁵ e, com isso, novos eruditismos foram criados de maneira deliberadamente arquitetada, caracterizando o que se pode chamar, recorrendo a Marchand (1969), de *word manufacturing* – palavras feitas à mão. Tal fato parece ter fornecido condições mínimas para o reconhecimento de estruturação morfológica, levando à formação de palavras a partir de palavras e à produção em série, o que provavelmente engatilhou uma mudança no estatuto morfológico desse elemento no último quartel do século XX.

Nos últimos anos, portanto, *-metro* aparece vinculado a formas livres, deixando de se combinar apenas com radicais presos. Certamente por ação da analogia, fixa-se a vogal que antecede o formativo, agora reconfigurado fonologicamente como *-ômetro*. Nas formas mais antigas, como se vê nos exemplos a seguir,

⁴ Essa palavra, cujo significado é "verso que apresenta métrica maior que a dos demais" (AULETE..., 2009), é a única do *corpus* com uma consoante precedendo a forma *-metro*.

⁵ Essa é a principal acepção de *-metro* até o início do século XX, caracterizando cerca de 85% dos dados, segundo pesquisa de datação realizada nos dicionários etimológicos já referenciados.

em (05), não há regularidade nesse constituinte. Nas mais novas, ao contrário, a vogal é sempre uma média posterior fechada, [o], como atestam os dados em (06).⁶

(05)

	[a]	[e]	[i]	[o]
Exemplos	decâmetro diâmetro gigâ- metro rotâmetro voltâmetro	marêmetro telêmetro	decímetro aerí- metro algímetro conímetro dasímetro	litômetro nefômetro optômetro pugliômetro sismômetro
Dados/ Total	16/307	02/307	39/307	260/307
Percentual	3,9%	0,6%	12,7%	82,8%

(06) gasômetro dinamômetro espectrômetro craniômetro
 acidômetro esferômetro oleômetro ondômetro
 radiômetro refletômetro angulômetro ebuliômetro

O que se percebe, com essa breve história de *-metro* nas estruturas morfológicas do português, é a fixação de um padrão: a vogal precedente, outrora imprevisível,⁷ passa a ser sempre [o], que faz parte do esquema de formação de nomes instrumentais tanto quanto o elemento seguinte. Dito de outra maneira, essa vogal é, hoje, parte integrante da construção morfológica utilizada para formar nomes de aparelhos responsáveis por algum tipo de medição, como os elencados em (06).

Em termos de categorização, o que devemos fazer com as formas instrumentais X-ômetro? Continuamos afirmando que formam compostos eruditos

⁶ Rastreamos, das fontes indicadas, um total de 436 formações X-*metro*. Para calcular os resultados da tabela em (05), levamos em conta apenas as palavras com entrada na língua até a década de 1950, ou seja, 307 itens lexicais. As 121 restantes, muitas das quais nem constam dos dicionários eletrônicos utilizados, são todas de base livre e ingresso recente na língua.

⁷ A exemplificar tal fato, o instrumento "taquímetro" é preferentemente referenciado como "tacômetro", como registra a *Wikipédia: a enciclopédia livre* (2001).

ainda relacionados com a nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária? São realmente compostas e eruditas as novas formações terminadas em -ômetro? Seria melhor recategorizar tais formas, já que apresentam uma série de características da derivação afixal? Quais são as vantagens e as desvantagens dessa análise?

Um aspecto que pesa contra a categorização das formas em análise como derivadas é o fato de o elemento mais à direita funcionar como forma livre (07) e, em decorrência, receber o acréscimo de determinados sufixos (08), o que indicaria seu possível comportamento como palavra ou radical:

(07) Rilda comprou um *metro* de tecidos para o vestido de noiva da boneca.

(08) métrico
metragem
metrificar
metria

Buscando uma categorização para *-metro*

Sandmann (1989, p. 114) provavelmente caracterizaria *-metro* como sufixoide⁸ "por se prestar a formações de palavras em série e seu significado como palavra livre não ser bem o mesmo que [...] nas palavras complexas".⁹ Na função de sufixoide, *-metro* não necessariamente veicula a noção de "unidade de medida", o que evidencia uma mudança semântica de *metro* como palavra/radical para *metro* como formativo. Autores, como Iordan e Manoliu (1980), Joseph (1998) e Amiot e Dal (2007), se apoiam em argumentos históricos para mostrar que a existência de formas com um "sufixo" aparecendo na posição de radical é evidência de que se processou uma mudança no estatuto morfológico de tais elementos. Para esses

⁸ Em linhas bem gerais, afixoides são elementos morfológicos semelhantes aos afixos, no que diz respeito à posição e à produtividade, diferindo desses constituintes por apresentar uma forma livre correspondente. São também denominados de pseudoafixos (SCHMIDT, 1987), semiafixos (MARCHAND, 1969), ou semipalavras. (SCALISE, 1984)

⁹ Na citação, Sandmann (1989, p. 114) se refere ao formativo *-mania*, mas o trecho em questão serve bem à descrição de *-metro*.

autores, portanto, dados como os apresentados em (08) não são problemáticos, uma vez que corroboram o processo de gramaticalização.

Booij (2010, p. 72), por sua vez, observa em várias línguas situações que se aproximam da de *-metro* em português, o que nos permitiria rever as duas soluções apresentadas: a categorização como afixoide e a gramaticalização. De acordo com o autor, há novas palavras formadas espontaneamente em certas línguas que se desenvolveram com o acréscimo de um elemento de ligação que não ocorre com a correspondente palavra lexical que lhes serviu de base, formando um subconjunto construcional a partir do lexema inicial. Seguindo esse raciocínio, *-ômetro* não deve ser considerado alomorfe do substantivo *metro* em função sufixal. Booij (2010) cita o caso da língua amazônica Matsés, amplamente analisada em Dorigo (2002), em que o prefixo *an-* (privação) partilha significados com sua contraparte lexical *ana* (negação), mas apresenta significados mais abstratizados quando se torna afixo. Em outras palavras, a alteração do significante corresponde a uma alteração do significado. Assim, sugere-se que, na evolução da palavra lexical e sua fixação como sufixo, houve especialização de ambas as formas, que não se confundem na atual sincronia.

Levando-se em consideração o parâmetro *boundness* (fixidez), o novo sufixo *ômetro*, seguindo a linha de Booij (2010), deve receber interpretação no léxico como parte de um esquema morfológico que expressa generalizações sobre subconjuntos que partilham um constituinte preso (*-ômetro*) que assim se assemelha a um afixo. Desse modo, as formações devem ser entendidas como instâncias de um idioma construcional semiaberto (em que uma parte é preenchida por uma variável e a outra é fixa).

Importante a observação de Booij (2010) de que o fato que caracteriza tal situação é a conformação do parâmetro *boundness* na formação afixal (e não no lexema que lhe serviu de origem), de maneira tal que ambos não podem ser coindexados. No modelo de Booij (2010), a relação entre base e produto é representada pela indexação: como se vê na representação em (09), o índice lexical da base aparece como parte da informação da palavra derivada.¹⁰

¹⁰ Nesse esquema, baseado em Booij (2010), base e produto são indexados pelos símbolos V e S, respectivamente, que representam a classe dos verbos e dos substantivos. Os subscritos i e j indicam que tanto a base quanto o produto fazem parte do léxico.

é o de "presunto", que, em espanhol, denomina "presumido" e, em português, "tipo de carne processada". Da mesma forma, "apelido" em espanhol significa "nome" e em português "algunha". Por suscitar o engano, a relação entre essas palavras, na literatura de divulgação científica, é chamada de "falsos amigos".

Em Linguística, entretanto, heterossemia é entendida como um caso especial de polissemia: significados distintos (mas relacionados) de determinada forma são associados a contextos gramaticais diferentes. (BROCARD, 2010) Tal definição, entretanto, embora mais técnica, é ainda vaga, pois a polissemia pressupõe "conceitos distintos, mas relacionados" e a explicação "contextos gramaticais diferentes" é pouco elucidativa. De toda maneira, a importância de lidar com a expansão de sentidos em unidades produtivas do léxico é um desafio para os linguistas, como bem constata Rio-Torto (2013, p. 10), ao declarar que "[...] a presença, num dado momento histórico, de diferentes valores semânticos numa unidade do léxico pode ser devida a diversos fatores e traduzir diferentes tipos de correlação entre os sentidos dessa mesma unidade."

O conceito de heterossemia ganha maior valor explicativo, com força de instrumento analítico, quando Lichtenberk (1991) reconceitua o termo, utilizando-o para se referir a casos (numa mesma língua) em que dois significados ou funções historicamente relacionados, por derivarem da mesma fonte, desenvolvem-se de tal forma que passam a se especializar com um dado sentido em diferentes categorias morfossintáticas. Na citação a seguir, Lichtenberk (1991, p. 476, grifo e tradução nossos) resume a noção de heterossemia:

[...] adotarei – e adaptarei – o termo 'heterossemia' de Parsson (1988) para me referir aos casos (numa única língua) em que dois ou mais sentidos ou funções historicamente relacionados, no sentido de derivarem da mesma fonte, e nascem em por reflexos daquela mesma fonte e pertencem a diferentes categorias morfossintáticas. [...] *Essa definição de heterossemia presume mesmo aqueles casos em que o reflexo da fonte comum não são fonologicamente idênticos.*

Em seus estudos, Lichtenberk (1991) constata que os elementos envolvidos numa relação de heterossemia, embora reflitam a mesma fonte, não são fonologicamente idênticos ao se especializarem em diferentes funções e/ou categorias.

É exatamente esse o caso que ocorre na relação entre a forma livre *metro* e o que podemos chamar de neossufixo -ômetro.

Em "centímetro", *metro* é a medida linear dividida em cem partes. Então, nessa palavra, o constituinte *metro* reflete o mesmo referente que pode ocorrer também como forma livre em sentenças como "*Comprei dois metros de tecido* (ou seja, 200 centímetros)". Nesse caso, *centi-* é determinado e *-metro*, determinante. Tal uso, entretanto, vai paulatinamente se abstratizando e se conjugando a outros parâmetros, além de unidade de medida linear, somado à inversão da relação determinado/determinante.

Voltando ao quadro em (03), vemos que, na primeira célula, há itens que exibem esse valor; portanto, a pesquisa etimológica revela que, nessas palavras, *metro* era mesmo a unidade de medida básica para o artefato – como, por exemplo, em "milímetro" e "quilômetro" –, mas essa utilização de *metro* foi sendo associada a outros parâmetros, como em 'barômetro', "instrumento de medição de pressão atmosférica", e, em consequência, "da altura a que alguém se eleva". Altura é uma medida linear, mensurável por metro, mas já está subfocalizada em razão de sua associação à pressão atmosférica.

Tal conjugação de metro a outros fatores vai ocorrendo na nomeação de objetos que se encontram na segunda célula do quadro em (03), como em 'pluviômetro', instrumento de meteorologia usado para "recolher e medir, em milímetros lineares, a quantidade de líquidos ou sólidos (chuva, neve, granizo) precipitados durante um determinado tempo e local". (AULETE..., 2009, p. 433)

Esvaziamento maior do significado de metro se dá em "termômetro", aparelho usado para medir a temperatura ou as variações de temperatura. O termômetro, como se sabe, é um instrumento composto por uma substância que possui propriedade termométrica, isto é, que varia de acordo com a temperatura. Sua medida se dá em uma escala que reflete graus de outra categoria, frequentemente *Celsius* ou *Fahrenheit*. Em termos semânticos, o desbotamento de *metro* aumentou, passando a palavra a equivaler à escala de medida. Observa-se, já aqui, a abstratização do constituinte à esquerda.

Como lembra Lichtenberk (1991), assumindo postura teórica tipicamente cognitivista, os significados dos elementos linguísticos não são meros reflexos das propriedades dos fenômenos que designam; expressam a conceptualização de fatos e os termos em pauta, sobretudo os formados por manufaturação, designam

instrumentos de medição de uma maneira geral, não importando para o falante se essa ou aquela propriedade está sendo relevada. O sentido "instrumento de medição" é fixado, então, como generalização associada ao esquema X-ômetro.

Ao combinar-se com formas vernaculares, o formativo *-metro* é associado à vogal precedente, [o], de longe a mais usual na língua desde o século XIX e encontrada em cerca de 80% das formações. Nos nomes instrumentais, o percentual de formas com [o] é ainda maior: 92% dos dados – exceções ficam por conta de empréstimos do inglês ou do francês do primeiro quartel do século XX, como "taxímetro", "parquímetro" e "calorímetro". A vogal [o], ao se fixar como o elemento tônico que precede *-metro*, regulariza, por analogia, o esquema de formação de instrumentos de medida e, com isso, o formativo oriundo do substantivo *metro* perde o estatuto de item livre e passa a sufixo produtivo, estabilizando seu significado. Confiruga-se, portanto, a heterossemia: *metro* e ômetro, agora com formas fonológicas distintas, associam-se a diferentes funções/categorias, sendo o primeiro um substantivo (forma livre) que designa "medida" – "um metro", "dez metros e meio" – e o segundo um afixo (forma presa) que designa "aparelho que mede" – "bafômetro", "impostômetro". Hoje em dia, aparelhos similares medem outras entidades/experiências/sensações, como se pode ver com o auxílio das ilustrações a seguir:

(10)



DETECTOR DE MAU HÁLITO (BEIJÔMETRO)

"O pequeno aparelho indica, quando assoprado, se a pessoa está com mau hálito. O 'beijômetro' indica as seguintes opções 'me beije', 'talvez', 'arriscado' e 'nunca!'. (BEIJÔMETRO..., 2009)



RONCÔMETRO: ESTUDO DA USP BUSCA SIMPLIFICAR DIAGNÓSTICO DE APNEIA NO SONO

"Com o roncômetro, sistema desenvolvido pelo Instituto de Física da USP, a fila de espera para realização do exame que identifica a apneia deve diminuir. A novidade está ainda em fase de testes". (ESTUDO..., 2013)



O QUE É O SALARIÔMETRO?

"O salariômetro utiliza informações fornecidas pelo Ministério do Emprego para calcular o salário médio dos contratados com o mesmo perfil indicado na sua consulta. Para os trabalhadores residentes no Estado de São Paulo, o salariômetro calcula o salário médio na Região de Governo do município indicado pelo interessado". (O QUE..., 2013)



SEXÔMETRO

Anel peniano conta o número de penetrações durante o sexo
"Produto está à venda no Reino Unido. Ele custa 9,99 euros (cerca de R\$ 30) e possui um contador que controla o número de entra-e-sai". (ANEL..., 2009)



TESÔMETRO

Tesômetro – saiba qual é a temperatura da sua relação
O tesômetro é feito todo em vidro e pode ser encontrado em diversas cores. Um detalhe curioso é que a peça tem formato de banana e até os famosos pontinhos pretos são reproduzidos. Para usá-lo não há necessidade de colocar pilhas nem outro tipo de bateria. O tesão já basta! (TESÔMETRO..., 2011)

Esquemas, domínios e a motivação cognitiva para formação lexical

Em Lichtenberk (1991), o termo "conceptualização" pode ser relacionado ao pensamento langackeriano de que o significado é um fenômeno mental e de que o ato de conceituar é baseado na realidade física: no funcionamento de um cérebro, que faz parte de um corpo, que interage na comunidade de fala e partilha as mesmas experiências do mundo. A língua, como instrumento de comunicação, emerge como manifestação da categorização de determinada comunidade de fala, revelando a perspectivização feita naquela cultura. Assim, a gramática revela seu aspecto experiencial, e o significado, aspectos comuns a todos que o compartilham numa mesma cultura.

A definição de léxico abaixo, de Basilio (2011), abarca as considerações feitas até aqui e legitima duas ideias ora defendidas: (a) itens evocam conceitos e (b) essa evocação é situada linguística e socioculturalmente:

O léxico pode ser entendido como um espaço de formas simbólicas, isto é, *formas que se associam a conceitos*. Essas formas, as unidades lexicais, *cujas possibilidades de evocação são infinitas*, dependendo de circunstância que podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes envolvidos numa situação linguística e sociocultural, até relações *entre formas e suas potenciais evocações*, que são usadas na construção de enunciados lingüísticos. (BASILIO, 2011, grifo nosso)

Conforme a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2006), o significado linguístico envolve tanto o conteúdo conceptual quanto operações de conceptualização impostas a esses conteúdos. O termo "domínio" constitui maneira uniforme de se referir ao conteúdo. Uma expressão evoca um conjunto de domínios cognitivos como base para seu significado, isto é, como o conteúdo vai ser construído. Coletivamente, um conjunto de domínios é chamado de domínio-matriz, que pode ser complexo, se composto de múltiplos domínios. De forma simplificada, domínio indica qualquer tipo de concepção no reino da experiência. Assim é que -ômetro remete ao domínio dos instrumentos de medição, com propriedades mais ou menos composicionais, como já demonstrado.

Como a conceptualização é baseada na experiência e na categorização, elementos pertencentes a diferentes domínios, completamente desvinculados da ideia de medição, mas relevados como importantes naquela cultura, como "olho" (visão), "chute" (percepção) e "bicha" (comportamento sexual), entre vários outros, aparentemente inesperados, são passíveis de funcionar como instrumentos ou objetos mensuráveis. Dito mais tecnicamente, são candidatos elegíveis para o preenchimento da variável X da construção X-ômetro, como se observa nos seguintes exemplos:

- (11) Preparadores adotam "**olhômetro**" para cuidar de atletas no Grêmio.¹¹
 O **Chutômetro** das pesquisas continua, CPI nelas.¹²
 Nunca tinha ouvido o termo "**bichômetro**"; conheço como "Gaydar". Quer dizer, conheço não, por que eu não tenho, ou o meu está quebrado.¹³

A seguir, abordamos a noção de item como esquema que propicia diversas instanciações, não exatamente iguais, por não obedecerem ao princípio da composicionalidade, mas submetidas a ajustes focais e sujeitas a outras operações de língua em uso, como seleção, focalização, perspectivação e relevância. Para esclarecer essas operações, Langacker, em sua Gramática Cognitiva (1987), mostra que só podemos entender hipotenusa se acessarmos, no domínio de figuras geométricas, o triângulo retângulo. Em outras palavras, a seleção de um termo – no caso, "hipotenusa" – focaliza a linha oposta ao ângulo de 90 graus, perspectivando-o e subfocalizando as outras duas linhas (os catetos), o que confere relevância à hipotenusa. O item linguístico é, portanto, um ativador de domínios pertencentes ao conhecimento enciclopédico.

Essas afirmações desenvolvem-se na constatação de Langacker (2006, p. 3) de que todos os itens gramaticais (incluindo o próprio léxico) são significativos. Por outro, a gramática (entendida aqui como um *continuum*, desprovido de fronteiras entre os componentes – fonologia, morfologia e sintaxe) permite-nos

¹¹ Título da matéria do jornal *O Globo*, Seção Esportes, de 12 jan. 2012.

¹² Título da matéria do jornal *O Estadão*, Seção Economia, de 18 dez. 2012.

¹³ Ver comentário em: <<http://meninastemvagina.blogspot.com.br/2009/08/acho-que-estou-perdendo-meu-bichometro.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

construir e simbolizar os mais elaborados significados de expressões complexas (como derivados, compostos, expressões idiomáticas e sentenças) por meio das mesmas rotinas cognitivas. Esse é, então, um aspecto essencial do aparato conceitual por meio do qual apreendemos e nos envolvemos no/com o mundo. Com isso, conclui-se que a gramática é significativa e que, especificamente, expressões e usos idiomáticos podem ser descritos como todos os outros considerados regulares, tanto aqueles os convencionalizados como as formações com elementos morfológicos que se gramaticalizaram, passando de radicais ou palavras a sufixos produtivos, como os vários atestados em Joseph (1998).

Vale sublinhar o fato, registrado por Langacker (1987) e retomado por Lichtenberk (1991), de os significados linguísticos serem flexíveis, ou seja, não estarem prontos no léxico. São, na verdade, possibilidades que se ajustam a cada instanciação e a história de *metro/-ômetro* ilustra bem tal fato. Se "centímetro" indica que determinada coisa ocupa o espaço de cem unidades convencionalizadas a partir da noção prototípica do substantivo *metro*, "barômetro" vai relacionar altura com pressão atmosférica e assim por diante, num movimento dinâmico e constante das propriedades cognitivas antes descritas. O mesmo continua a ocorrer quando, de *metro* a *-ômetro*, vai sendo desfocalizada a medida para serem os objetos concretos ou abstratos perspectivizados como instrumentos de medição, por meio da heterossemia que fixa a forma *-ômetro*, especializando-a para sufixo com tal significado, não mais coindexado à forma livre *metro*. A adaptação semântica do sufixo à base é chamada de "ajuste focal" e é com base nesse mecanismo que o falante cunhou recentemente os seguintes termos:

- (12) olhômetro – mecanismo perceptual que mede algo com o aparato da visão;
desconfiômetro – mecanismo perceptual que deve ser "ligado" para avaliar as situações;
bichômetro – percepção do grau ou da constatação da homossexualidade de alguém;
simancômetro – reação necessária a quem não tem percepção adequada a determinada situação, ou seja, não toma "simancol" – originário da expressão "se mancar" –, termo cunhado em referência a um "remédio" (daí o *-ol*) usado para evitar situações constrangedoras.

Desse modo, como se observa nos exemplos em (12), os conteúdos definidos pelos domínios construirão o significado das construções, considerando-se as seguintes dimensões, postuladas em Langacker (2006): especificidade, focalização, proeminência e perspectiva.

Considerações finais

Booij (2010) mostra que as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais. Desse modo, não há diferença substancial, por exemplo, entre palavras derivadas (sapat-eiro), compostos (baba-ovo) e expressões semiabertas (dar uma X-da), uma vez que todas essas unidades, que são complexas, "podem, igualmente, ser analisadas em suas estruturas de formação por meio de esquemas construcionais, desde os mais especificados, como [[Xizar]v-ção]_n até os mais abstratos como [N-N]_n". (BASILIO, 2010, p. 21)

Não foi objetivo deste trabalho mostrar os processos figurativos que ocorrem nas diversas instanciações morfológicas em que *metro* é constituinte. Na realidade, partimos da ideia, bastante bem assentada na Linguística Cognitiva, de que processos como a metáfora e a metonímia existem na literatura porque existem na linguagem cotidiana. (LAKOFF; JOHNSON, 1980) O objetivo foi mostrar que

- as palavras são motivadas e não simples convenções;
- com a explicação langackeriana de domínios, processos e conceptualização e com o entendimento de itens lexicais/gramaticais como esquemas que geram instanciações por imanência, ratificamos a afirmativa de Basilio (2011), a respeito da possibilidade infinita de produção lexical;
- *-metro* passa por importante mudança de estatuto morfológico: de base na formação compostos neoclássicos para elemento preso de uma construção morfológica semiaberta, conforme modelo de Booij (2010);
- o conceito de heterossemia é fundamental para essa conclusão, já que elementos envolvidos numa relação de heterossemia, apesar de refletirem o mesmo étimo, podem não ser fonologicamente idênticos por se especializarem em diferentes funções e/ou categorias. É exatamente essa a situação da forma livre *metro*, em relação ao neossufixo -ômetro;

- a vogal [o], antes elemento relacional, passou a fazer parte do esquema de formação de palavras tanto quanto o elemento seguinte, o que desfaz a homonímia e inviabiliza a análise do formativo em questão como sufixoide,¹⁴ tendo em vista a especialização formal e semântica;
- ajustes focais explicam as diferentes nuances de significado na combinação de ômetro com as bases (nominais e verbais), podendo indicar um aparelho que mede, como em "bafômetro" – "instrumento que mede a quantidade de álcool contida no "bafo" de alguém" – e "chutômetro" – "falar a primeira coisa que vem à cabeça ou associar outras palavras e criar uma definição; escolher ao acaso entre as alternativas ou "chutar" uma resposta".

Em trabalho clássico intitulado *Language as a Model for Culture: Lessons from the Cognitive Sciences*, Brown (2002) assinala que a linguagem é a chave da cultura, na medida em que, sob a ótica cognitivista, a cultura, como base de conhecimento, é concebida numa homologia linguística: conhecer a cultura é como conhecer a língua, uma vez que ambas são realidades mentais não acessáveis diretamente, mas por meio da experiência e sua conceptualização.

Os significados são estruturados por meio de experiências aprendidas na cultura, que fornece *frames* e esquemas para a organização e compreensão dos conceitos. Assim, novas palavras com formativo tomado para análise, a exemplo de "beijômetro", "salariômetro" e "simancômetro", amplamente utilizadas na fala e com várias ocorrências na internet, como se comprova com uma simples pesquisa no Google, refletem novas categorizações da realidade, provocadas por mudanças de comportamento na sociedade moderna. Tais formações são possíveis pela habilidade de (a) atribuir intencionalidade (GOODY, 1995) e (b) compreender que os outros têm mentes similares. (TOMASELLO, 1995)

Referências

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

¹⁴ Na literatura, o termo tem duas acepções, reportando-se a (a) truncamentos que remetem, metonimicamente, ao significado da palavra complexa de origem e não concorrem com nenhuma palavra pré-existente (DUARTE, 1999, 2008); ou (b) elementos ressemantizados que, necessariamente, coexistem com uma palavra da língua. (SANDMANN, 1989, 1992) Neste artigo, estamos nos referindo à segunda acepção do termo.

AMIOT, D.; DAL, G. Integrating neoclassical combining forms into a lexeme-based morphology. In: MEDITERRANEAN MORPHOLOGY MEETING, 5., 2007, Bologna. *Proceedings...* Bologna: Università degli Studi di Bologna, 2007. p. 322-336. Disponível em: <<https://geertbooij.files.wordpress.com/2014/02/mmm5-proceedings.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

ANEL peniano conta o número de penetrações durante o sexo. *GI*, Rio de Janeiro, 2009. Planeta Bizarro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL968057-6091,00-ANEL+PENIANO+CONTA+O+NUMERO+DE+PENETRACOES+DURANTE+O+SEXO.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

AULETE: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009. 1 CD-ROM.

BASILIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 11-26, 2010.

BASILIO, M. Das relações entre texto, gramática e cognição: foco na cognição. In: ENCONTRO NACIONAL DE ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGUÍSTICA, 26., 2011, Niterói. [*Trabalho apresentado*]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. U. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 97-108.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1986.

BEIJÔMETRO – aparelho que acusa mau hálito lançado nos Estados Unidos da América faz maior sucesso. *Civitate*, Rio de Janeiro, 2 fev. 2009. Disponível em: <<http://coronelbessa.blogspot.com.br/2009/02/beijometro-aparelho-que-acusa-mau.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-132.

- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BROCARD, M. T. Contributo dos dicionários etimológicos para a análise morfológica sincrónica. In: SÁNCHEZ PALOMINO, M. D. *Lexicografia galega e portuguesa*. 87. ed. La Coruña: Servicio de Publicaciones da Universidade da Coruña, 2010.
- BROWN, P. Language as a model for culture: lessons from the cognitive sciences. In: FOX, R. G.; KING, B. J. (Ed.). *Anthropology beyond culture*. Oxford: Berg, 2002. p. 169-192.
- BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.
- CAETANO, M. do C. A meio caminho entre a derivação e a composição. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, Lisboa, p. 131-140, 2010.
- COROMINAS, J. *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DICIO: Dicionário Online de Português. [S.l.: s.n.], 2009. Disponível em: <www.dicio.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- DICIONÁRIO informal. [S.l.: s.n.], c2006. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2008. Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- DORIGO, C. *Fonologia Matsés – uma análise otimalista*. 2002. 172 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

DUARTE, P. M. Fronteiras lexicais: sugestão para uma delimitação dos prefixóides em português. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 42, p. 54-68, 2008.

DUARTE, P. M. Sobre o conceito de prefixóide em morfologia. *Revista Palavra*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 171-91, 1999.

ESTUDO da USP busca simplificar diagnóstico de apneia do sono. *EBC*, São Paulo, 10 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/galeria/videos/2013/01/estudo-da-usp-busca-simplificar-diagnostico-de-apneia-no-sono>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

GÓES, C. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

GÓES, C. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1945.

Gonçalves, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 62-89, 2011a.

Gonçalves, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, n. 5, p. 62-89, 2011b.

Gonçalves, C. A.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición – derivación en portugués. *Lingüística*, [Madrid], v. 28, p. 119-145, 2012.

GOODY, E. Introduction: some implications of a social origin of intelligence. In: GOODY, E. (Ed.). *Social intelligence and interaction: expressions and implications of the social bias in human intelligence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 1-36.

HECKLER, E.; BACK, S.; MASSING, E. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1981.

- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001. 1 CD-ROM.
- IORDAN, I.; MANOLIU, M. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.
- JOSEPH, B. Diachronic morphology. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (Ed.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell, 1998.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: SYMPOSIUM ON NEW APPROACHES IN ENGLISH HISTORICAL LEXIS, 2., 2008, Lammi. *Proceedings...* Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2009. p. 1-13.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Standford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. Lisboa: Nova Seara, 1971.
- LICHTENBERK, F. *On the gradualness of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- LUFT, C. P. *Gramática resumida*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência Editorial, 1967.
- MARCHAND, H. *The categories and types of present-day English word-formation*. München: Beck, 1969.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Fonética, fonologia e morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
- PEREIRA, E. C. *Gramática histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- (O) QUE é o salariômêtro? *Dape Software*, São Paulo, 29 jan. 2013. Disponível em: <<http://forum.dape.com.br/NonCGI/Forum2/HTML/001147.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- RIO-TORTO, G. Heterossemia e mudança semântica: da locatividade à reciprocidade. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). *Ciências do léxico*: 6. Campo Grande: Ed. UFMT: Humanitas, 2013. p. 17-22.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et labor, 1985.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.
- SCALISE, S. *Generative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.
- SCALISE, S.; FABREGAS, A.; FORZA, F. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu*, Tóquio, n. 135, p. 49-84, 2009.
- SCHMIDT, G. D. Das Affixoid: Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: HOPPE, G. (Ed.). *Deutsche Lehnwortbildung*. Tübingen: Narr, 1987. p. 53-101.
- TESÔMETRO – saiba qual é a temperatura da sua relação. *Vila Mulher*, São Paulo, jan. 2011. Disponível em: <<http://vilamulher.uol.com.br/sexo/tesometro-saiba-qual-e-a-temperatura-da-sua-relacao-16543.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- TOMASELLO, M. Joint attention as social cognition. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. J. (Ed.). *Joint attention: its origins and role in development*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 103-130.

WIKCIONÁRIO: o dicionário livre. Versão em português. [S.l.], 2004. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

WIKPÉDIA: a enciclopédia livre. Versão em português. [S.l.], 2001. Enciclopédia geral. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 25 nov. 2017.

ZUIN, E. de S. L. Implantação do Sistema Internacional de Medidas: uma abordagem histórica. ENCONTRO DE PESQUISA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 6, 1999, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001. p. 225-235.